

O desafio de hockey entre as equipes femininas do Sport Club do Porto e Feminino Atlético Club, abalou a pesada sonolência em que há longos anos se mantinha o nosso burgo.

As lides desportivas rejubilaram. O entusiasmo desta mocidade ardente contagiou toda a cidade, despertada como para uma festa; mas apercebeu-se, depois do rumor que corria, acolheu os ombros e acolheu a notícia com desprezadora indiferença.

De quando em quando, um dito depreciativo ou em sorriso sarcástico desafiavam a irreverência de algumas raparigas, que, ao Sol e ao Ar livre, prestam culto à Saúde e à Beleza.

Dia 13 de Março, dia de ansiosa expectativa para todos.

Comungando nas mesmas ideias revitalizadoras o sol iluminou—apenas durante o recontro—tôdo o campo com o seu fraterno sorriso.

A equipe do Sport—já experimentada—mostra-se calma e confiante. As estreadas do Feminino demonstram o entusiasmo das «premières». Os comentários vivos e cortantes dos depreciadores comodistas cruzam-se e entrecrocavam-se com os ditos sensatos dos desportistas conhecedores.

Início do jogo. O público é saído, as jogadoras aplaudidas.

E, enquanto a partida decorre animadamente, olhamos a assistência.

Os hockistas seguem o encontro com interesse, incitando as suas favoritas.

A máscara irónica dos indiferentes anima-se e nós pensamos que o desporto feminino avançou e transpôs a maior barreira.

Abeiramo-nos duma família—modelo séc. XIX país dogmáticos, rebentos esqueléticos e amarelados—escutando com contentamento frases de aprêço e benevolência.

Declinamos a nossa identidade, buscando adesões. Olhares espantados, quasi irritados; palavras coléricas de protesto, com lamentos doentios, a abafar o entusiasmo momentâneo: «As pequenas são fraquitas, precisam de repouso, etc., etc.»

Escudados na nossa profissão, as nossas palavras tornam-se convincentes mas frase a frase sentimos subir a temperatura de irritação.

Quasi nos falece a coragem e senão fóra a consciência do valor da cruzada encetada julgaríamos pisar caminho errado.

Silenciosamente, olhamos o campo. As valorosas raparigas—pioneiras (talvez já olvidadas) do mais feminino dos movimentos, pelejou pela sua causa.

Isentas de faciosismo, aguardamos com indiferença a vitória de qualquer dos grupos.

Anima-nos, sim, reavivar a chama acalentadora do ideal desportivo. A semente está lançada; mas que possibilidades futuras?

Interrogativamente quedamos absortos ante a pobreza do panorama do desporto feminino em Portugal.

O progresso da cultura física feminina terá de enfrentar audaciosamente a rotina do meio ambiente, de abalar os alicerces do convencionalismo social.

A existência dos clubes femininos representa uma luta persistente contra o egoísmo do nosso meio, motejando sempre dos seus orientadores idealistas, que não têm outra recompensa além da satisfação espiritual de concorrer para o desenvolvimento do desporto feminino.

Porque queremos ensinar a rapariga portuguesa o caminho da vida ao ar livre, acusamos-nos de desfeminizarmos a mulher.

A gracilidade e a elegância natural da mulher em nada são prejudicadas com a sua intromissão nas lides desportivas.

As desportistas não necessitam de artificios modeladores. No Ginásio, embaladas pelo ritmo dos movimentos, os seus gestos adquirem graça e beleza, e o seu organismo a resistência física tão necessária à sua descendência.

Afirmam, ainda, os nossos destrutores, que as desportistas descumram da sua casa, desleixam-se no cumprimento das suas obrigações quotidianas. Demonstra ignorância e má fé, tal afirmação. Já aqui afirmei: «E' na multidão que trabalha e estuda que recrutamos as nossas associadas».

Estas raparigas—tendo numerosos deveres a cumprir—preferem aproveitar algumas escassas horas de descanso, cuidando da cultura física. Podiam passar essas horas no cinema, frequentar as casas de chá, ou passear pelas ruas, numa palavra, fazer a vida de mulher moderna (com **m** minúsculo), mulher completamente inútil, porque se amanhã a adversidade lhe bater à porta não poderá enfrentá-la.

A já citada mulher moderna de cabeça vazia, que vê na ginástica uma tremenda maçada e que apenas pretende fazer desporto por exibição nunca poderá ser o estelo sólido das nossas gerações.

Saudemos, pois, as raparigas ávidas de liberdade que com alegria se entregam às lutas desportivas, entrando em competições ao lado do homem onde a sua feminilidade, se afirma como o seu melhor atributo.

Essas raparigas desempoeiradas—como alguém o disse já—são a garantia dum futuro melhor e mais saudável.

NÓS. OS HOMENS

N ESTE pobre mundo redondo que rodopia rítmicamente no espaço, só nós, os Homens, somos infelizes, só nós possuímos os mais variados sofrimentos físicos e morais, só nós, enfim, sendo os reis do Universo, somos os mais imperfeitos, os mais impuros e os mais mártires.

Contemplando a Natureza, meditando na vida dos outros seres, ao nosso cérebro ocorre este pensamento: —Como o Homem é lamentável!

Além nas árvores os passarinhos cantam alegremente, indiferentes ao que os rodeia, indiferentes à nossa dor. E são felizes. Vivem. E nós não vivemos a vida verdadeira; nós sofremos a vida que construímos pelas nossas próprias mãos, vida que não é Vida, mas sim um profundo abismo de ódio, de dor e de maldição.

Por isso nós sofremos e não podemos cantar como esses passarinhos alegres e indiferentes a toda essa complicação infernal a que os Homens chamaram vida; por isso nós nos sentimos vergar sob o peso da acusação que esse cantar ridente, cheio de vida e de alegria, nos faz, porque parece dizer-nos:

—Homem! Rei do mundo! Dominador da terra, do mar e do espaço ilimitado! Senhor de todo o Universo! Porque não és feliz como nós somos? Porque não cantas também como nós cantamos? Não vês o sol como é belo? O verde dos campos, o perfume das flores, tudo enfim? Porque não cantas também, saudando tudo o que a Natureza fez belo e perfeito?

—E nós deixamos pender a cabeça sobre o peito e murmuramos como que envergonhados de nós próprios:

—Não podemos! No que podíamos ser felizes, porque somos possuidores da ciência, porque a Natureza nos dotou com a luz clara do pensamento, do raciocínio, não o somos porque não vivemos assim como vós em completa harmonia, porque somos ambiciosos e maus. Tam ambiciosos e tam cruéis que em vez de procurar tornar a Vida cada vez mais bela a tornamos cada vez pior, cada vez mais complicada, mais egoísta e mais feroz, e por isso o nosso sofrimento aumenta sempre.

Por isso a nossa cabeça se inclina ante o vosso exemplo, pequenas e fraternais avezinhas, que se alguma infelicidade possuem, é também motivada pelas nossas criminosas mãos!

(Continúa na página 15)